

A FEIRA DE SÃO JOAQUIM COMO AMBIENTE ECONÔMICO: UMA ANÁLISE DO MERCADO

Autores:

Daiane de Oliveira*

Augusto Angélico**

Orientadores:

Lucia Aquino de Queiroz¹

Márcia Matos²

Este artigo tem o objetivo de abordar a situação da Feira de São Joaquim enquanto ambiente econômico, apresentando a oferta de produtos, sua procedência, locais de abastecimento, local e condições de estoque, média de venda (quantidade comercializada), faturamento, análise da concorrência interna, entre os próprios feirantes e externa entre a feira e os demais empreendimentos deste seguimento.

1. INTRODUÇÃO

Acredita-se que a principal causa da origem das feiras seja a formação de excedentes de produção. E com as sobras de uns, contra as faltas de outros, é que surgiu a necessidade de intercâmbio de mercadorias, a princípio inter-grupos, sem a exigência de um lugar, onde a busca de se conseguir as mercadorias que necessitam é mais intensa. A existência das feiras foi uma solicitação natural de um ambiente que congregasse todos os produtos disponíveis para outrem; e, neste contexto, seria importante que se trocassem seus excessos em busca de outros produtos. Com isto, verifica-se a importância das feiras para os tempos modernos.

*Daiane de Oliveira Macena - aluna do 4º semestre de Turismo da Universidade Salvador -UNIFACS

**Augusto Angélico - aluno do 4º semestre de Turismo da Universidade Salvador - UNIFACS

¹Lúcia Aquino de Queiroz - Doutora em planejamento territorial e desenvolvimento regional, Mestre em administração com concentração em Turismo, coordenadora do curso de Turismo da UNIFACS

²Márcia Matos - Mestre em Psicologia, professora do curso de Turismo da UNIFACS

A oficialização das feiras é atribuída à Idade Média, tendo em vista que na época dos faraós, bem como na fase do feudalismo, não existiam tão acirradamente as feiras, por causa da produção para próprio consumo. O sistema de trabalho da comunidade dos faraós era estritamente voltado para produzir; e, em seguida consumir, porque os faraós não tinham interesse em produzir para revenda, mas sim, a manutenção dos escravos que deveriam produzir os bens de luxo para aqueles que detém o poder.

Esta fase de auto-consumo, também aconteceu no período feudal, pelo tipo de manutenção que era comum para as pessoas que viviam nos feudos, que exerciam uma espécie de escravismo.

Para confirmar que as feiras tiveram realmente sua consolidação na Idade Média, escreveu SOUTO MAIOR[1] (1978) que “as influências das atividades comerciais de Bizâncio foram vis não somente para a Idade Média, mas até para a Idade Moderna, pois o renovado contacto comercial com o Oriente foi uma das causas principais do aparecimento de muitas Cidades do Ocidente europeu e a concorrência comercial estimulou os descobrimentos e a expansão da civilização européia no século XVI”.

Este foi o estímulo à expansão, que fez com que os produtos do Extremo Oriente fossem distribuídos via mediterrâneo com grandes lucros, tais como especiarias, perfumes, jóias e sedas, muito procurados em tal época.

A abertura para o Oriente fez com que os grandes comércios fossem implementados fundamentalmente nas cidades de Veneza, Gênova e Pisa; e, desta forma, aumentando a concorrência entre os vendedores da época das grandes aventuras em busca de compra e vendas de produtos supérfluos e necessários, nos longínquos pontos da terra. Com a missão dos mercadores da Idade Média estimulou-se a transação de compra e venda, e por extensão, a

formação das feiras, envolvendo drogas, musselinas, sedas, especiarias e tapetes, expostos em feiras livres. Nesta estrutura comercial determinam-se os preços pelas forças competitivas do mercado surgindo lentamente a concorrência entre os comerciantes medievais.

2. AS FEIRAS LIVRES NO BRASIL

As feiras livres existem no Brasil desde o tempo da Colônia. Apesar do surgimento das grandes redes de supermercados atacadistas e dos contratempos que causam em grandes cidades, elas não desaparecem. Em muitos lugares no interior do país são o principal e, às vezes, o único local de comércio da população. Muitas vezes funcionam também como centros culturais e de lazer.

Estas feiras devem ter se originado no país há muito tempo, quando as pessoas se reuniam periodicamente em algum ponto pré-determinado da cidade para vender seus produtos ou mesmo realizar trocas. Com o tempo, provavelmente, o número de pessoas foi aumentando e o poder público interveio com o objetivo de disciplinar, fiscalizar e, é claro, cobrar os impostos.

A feira é um lugar cheio de sons, movimentado e colorido. Talvez por isto chame a atenção numa primeira análise.

O colorido das frutas e legumes nas barracas iluminadas pela luz do sol filtrada através dos toldos proporcionam um visual muito bonito. Os feirantes gritam apregoando a qualidade dos seus produtos e garantindo que o seu preço é o melhor. As pessoas circulam muito, examinam, pechinham ou simplesmente estão a procura do que desejam. Outras já têm suas barracas preferidas, conhecem o feirante de longa data e às vezes parecem mais amigos do que fregueses.

Em muitas barracas nota-se que as pessoas que estão trabalhando são todas de uma mesma família.

No meio disto tudo ainda existem vendedores ambulantes, com tabuleiros montados em cima de caixotes ou simplesmente no chão, que aproveitam a feira para tentar vender diversos produtos. Meninos se oferecem para ajudar as pessoas a carregar as mercadorias. Em suma: uma "confusão" perfeitamente organizada onde tudo parece funcionar na hora e no lugar certo.

3. A FEIRA DE SÃO JOAQUIM

Em português feira quer dizer “quase todo dia”, segunda-feira, terça-feira.

Feira quer dizer também mercado, mas a Feira de São Joaquim nos diz mais que estes significados.

A Feira de São Joaquim iniciou com a Feira do Sete, assim chamada porque ficava ao lado do Sétimo Armazém das Docas. Nesse início era uma feira móvel que comercializava os mais diversos produtos vindos do Recôncavo em saveiros: frutas, farinha, rapadura, cerâmica, artesanatos em geral. Nesta época, a Prefeitura controlava para que não surgissem pontos fixos, o que acabou tornando-se inevitável. A Feira do Sete transformou-se em Água de Meninos cujo crescimento espontâneo marcou a diversidade das instalações. Outra característica marcante deste período era a afluência de turistas, atraídos pelas especiarias locais. Incendiada em 1964, a Feira de Água de Meninos foi transferida para a enseada de São Joaquim.

A Feira de São Joaquim possui hoje 34 mil metros quadrados de área com quatro mil boxes espalhados entre 10 quadras divididas em 22 ruas. Ela conta com 7.500 feirantes cadastrados entre fixos, que possuem ou trabalham nos boxes e ambulantes que comercializam seus produtos em carrinhos de mão. Alguns deles estão na Feira desde a sua formação: filhos de feirantes “criados na Feira” e hoje donos de empreendimentos familiares, antigos empregados que transformaram-se em patrões e também aqueles que fazem da Feira, além de seu local de trabalho, sua residência. É a maior Feira de Salvador e completou 41 anos de existência. Foi considerada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional) como patrimônio cultural e imaterial do Brasil. Porém, a Feira ainda sofre com o descaso do Governo Estadual. Existem diversos debates, inclusive na Justiça, para decidir de quem é a responsabilidade do local e qual será o seu destino. Há uma intensa especulação imobiliária no local, e projetos de revitalização do Comércio que excluem a Feira de São Joaquim, cedendo o espaço para grandes empreendimentos turísticos.

Além de possuir uma vasta teia de relações econômicas e sociais, a Feira de São Joaquim é um rico espaço cultural freqüentado pelos mais variados perfis baianos. Segundo o artista plástico Gustavo Moreno, em entrevista ao Jornal Correio da Bahia, a Feira de São Joaquim é o canto que melhor representa Salvador em matéria de beleza, estética e diversidade. Ele conta que em meio ao labirinto de boxes e barracas que vendem folhas para banho, colares de contas, produtos de barro e palha, artigos que remetem a cultura baiana, a fé popular e a simplicidade complexa do povo da Bahia que encontra inspiração e matéria-prima para as suas criações. De fato, a Feira de São Joaquim é um recorte da sociedade baiana, lá pode se encontrar feirantes das mais variadas classes sociais, com os mais variados graus de escolaridade e diversas partes da Bahia e alguns estados do Brasil, como por exemplo, Sergipe.

4. A FEIRA COMO AMBIENTE COMERCIAL

A Feira de São Joaquim é um importante Centro Cultural. Nela se pode vivenciar a cultura baiana na sua forma mais espontânea, ver de perto o sincretismo religioso, ouvir histórias, aprender sobre antigos e novos costumes, enfim, interagir com os mais diversos representantes da sociedade baiana. Por esse motivo, a Feira de São Joaquim tem grande capacidade de atrair turistas.

Porém, antes de ser um espaço cultural e turístico, a Feira de São Joaquim é um ambiente comercial. Nela ocorrem as relações entre os comerciantes e consumidores, preços são discutidos, negócios são fechados dentre outras transações comerciais. Sendo assim, serão analisados, a seguir, os aspectos da Feira de São Joaquim enquanto ambiente econômico.

4.1. OS PRODUTOS

A feira de São Joaquim possui uma vasta oferta dos mais variados tipos de produtos. Estes produtos são organizados por quadras. Existe uma quadra onde só se comercializa carne, todas as ruas destas quadras são ocupadas por esse produto, assim acontece com as frutas, os artesanatos e os demais produtos comercializados, mas essa regra nem sempre prevalece de forma que é possível encontrar boxes com frutas na quadra de carnes. Os produtos vêm em sua maioria do Recôncavo Baiano, de cidades como Santo Amaro, Santo Antonio de Jesus, Nazaré, Cachoeira, São Felix, Maragojipe, dentre outras.

Esses produtos são: frutas e verduras de todos os tipos, condimentos (sal grosso e refinado, todos os tipos de pimentas, ervas aromáticas e temperos de todos os tipos), castanhas de caju, cereais, ingredientes para comidas típicas da Bahia, doces, animais, vivos (galinhas, coelhos, ratos domésticos, dentre outros), calçados e confecções adulto e infantil, cintos, bolsas e acessórios, artesanatos (cestos, chapéus de palha, potes e cofres de cerâmica, etc.) e artigos religiosos: santos católicos ao lado de divindades do candomblé, o que reflete o característico

sincretismo religioso da Bahia, além de velas, amuletos, incensos, folhas para banho e receitas de simpatias para tirar mal olhado, limpar a casa, atrair dinheiro, combater a inveja dentre outros benefícios, além de existirem boxes que são como pequenas mercearias vendendo feijão, arroz, óleo, fósforo, leite, dentre outros produtos com embalagem de fábrica. Há também prestação de serviços como barbearias, alfaiates, sapateiros, casas para apostas no jogo do bicho e pequenos bares e restaurantes.

4.1.1. ARMAZENAGEM DOS PRODUTOS.

Para uma melhor análise da Feira de São Joaquim e seus aspectos mercadológicos foi realizada uma ampla pesquisa pelos alunos do terceiro semestre do curso de Turismo da Universidade Salvador - UNIFACS, com aplicação de 50 questionários, no mês de junho de 2006, onde 52% dos feirantes entrevistados afirmam que armazenam seus produtos em boxes separados ao lado do porto da cana e 48% deles estocam na própria barraca.

4.2 REPOSIÇÃO DAS MERCADORIAS

A reposição de mercadorias na Feira de São Joaquim é feita de três maneiras, são elas:

1- **Por mar:** as mercadorias chegam de barco através do cais. Essa maneira de carga diminui o custo das mercadorias já que a feira tem localização privilegiada, situando-se na enseada de São Joaquim, na Cidade Baixa.

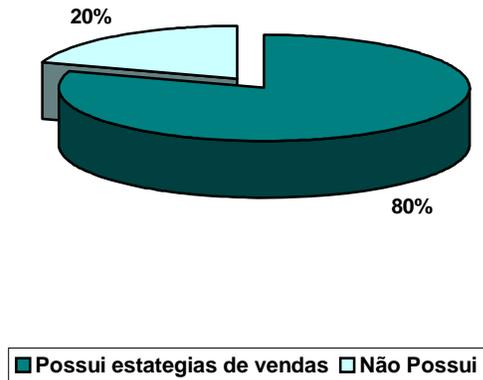
2- **Por terra:** as mercadorias são descarregadas por caminhões antes da feira abrir. Seu horário de funcionamento é das 7:00 às 18:00, porém os feirantes têm que chegar mais cedo para receber as mercadorias.

3- **Distribuição interna:** durante todo o dia, as mercadorias são repostas, de acordo com a necessidade, por carrinhos de mão que circulam nas ruas da feira. Essa maneira de reposição é muito criticada pelos consumidores e pelos próprios feirantes, pois as ruas são demasiadamente estreitas e a passagem dos carrinhos de mão atrapalha a circulação dos consumidores.

5. ESTRATÉGIA DE VENDAS.

Quanto as estratégias utilizadas pelos feirantes para promover as vendas, a maioria dos feirantes entrevistados, (80%), afirmou possuir uma estratégia de vendas. A estratégia mais usada pelos feirantes para atrair os clientes é colocar as mercadorias de maior demanda e com cores mais vivas na frente da barraca para que o consumidor possa ver à distância e se aproximar. Além dessa estratégia outras apareceram na pesquisa, como gritar pelo cliente, utilizar bordões e rimas, tocar ou puxar o cliente.

Estratégia de Venda



Fonte: Pesquisa, Turismo 3º semestre – UNIFACS, junho 2006

6. ANÁLISE DA CONCORRÊNCIA

Quanto à concorrência interna, a maioria dos feirantes mostra-se sensibilizada por ela. Na Feira de São Joaquim existem vários boxes comercializando produtos semelhantes e à preços compatíveis, isso gera um clima de concorrência. 70% dos feirantes entrevistados afirmam que ajustam seus preços de acordo com os de seu concorrente, os demais 30% afirmam não poder competir diretamente com os preços dos vizinhos porque, devido às falhas na fiscalização, alguns pagam mais impostos que outros.

ANÁLISE DA CONCORRÊNCIA



Fonte: Pesquisa, Turismo 3º semestre – UNIFACS, junho 2006.

A Feira de São Joaquim sempre foi famosa por comercializar seus produtos a preços baixos. Até hoje ela atrai pessoas que desejam economizar seus recursos. Apesar de continuar com sua política de preços baixos, a Feira de São Joaquim está ganhando cada vez mais concorrentes; alguns deles além de vender a preços baixos oferecem melhor infra-estrutura que a da Feira de São Joaquim.

Um de seus fortes concorrentes na área do hortifrutigranjeiro é o Mercantil Rodrigues, que possui trinta e sete anos no setor atacadista, conta com um amplo estacionamento, bom padrão de higiene, grande variedade de itens comercializados e funciona nos fins de semana. Localizado no bairro da Calçada, concorre diretamente com a Feira de São Joaquim com a vantagem de infra-estrutura, o que atrai o público que procura conforto e segurança alimentar.

Outro forte concorrente da Feira de São Joaquim no segmento de alimentos é a CEASA. Atualmente a CEASA-Ba tem seis galpões permanentes e seis não-permanentes, com 192 boxes e 1.056 módulos. O centro é vinculado à Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração (SICM), através da EBAL. Parte de um complexo de centros de abastecimentos instalados em todo o

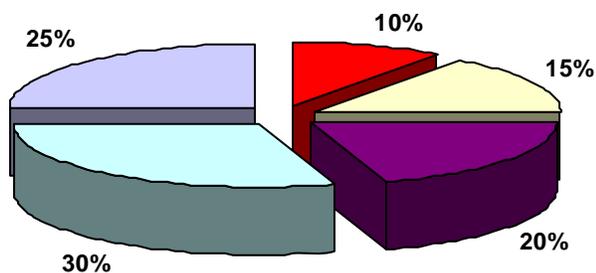
Brasil, a Ceasa-Ba foi inaugurada em 1973, sendo incorporada à EBAL em 1991. Está localizada na Rodovia CIA/Aeroporto, a 13 quilômetros do Aeroporto Internacional Deputado Luís Eduardo Magalhães e a 30 quilômetros do Porto de Aratu. A Ceasa, ao contrário do Mercantil Rodrigues, não fica próximo à Feira de São Joaquim, mas atrai os consumidores da Cidade Alta que não querem correr riscos e percorrer grandes distâncias indo a Feira de São Joaquim.

No segmento de artesanato um grande concorrente da Feira de São Joaquim é o Mercado Modelo. Embora este tenha um público alvo completamente diferente do da feira, existe concorrência já que a Feira de São Joaquim também atrai turistas que desejam comprar artesanatos a um custo mais baixo.

7. MÉDIA DE CONSUMO POR CLIENTE

Grande parte dos clientes da Feira de São Joaquim faz suas compras em feira porque preferem ir até lá do que ir a um supermercado. A média de consumo por cliente é muito variável já que o consumo pode variar entre R\$ 1,00 e R\$ 100,00.

MÉDIA DE CONSUMO POR CLIENTE

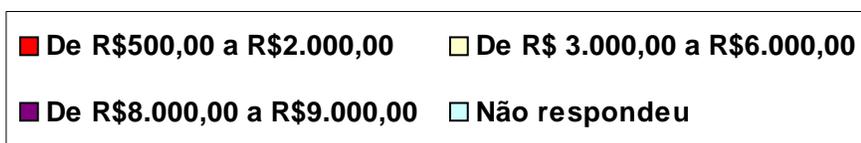
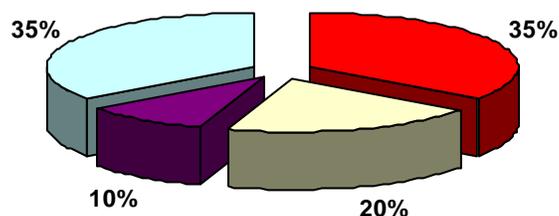


Fonte: Pesquisa, Turismo 3º semestre – UNIFACS, junho, 2006.

8. FATURAMENTO MÉDIO MENSAL

O faturamento dos trabalhadores da Feira de São Joaquim mostrou-se razoável, se levada em consideração as expectativas em relação à esse tipo de comércio.

FATURAMENTO MÉDIO MENSAL



Fonte: Pesquisa, Turismo 3º semestre – UNIFACS, junho, 2006.

9. CONCLUSÃO

Através da pesquisa realizada pelos alunos do 3º semestre do curso de Turismo da Universidade Salvador - UNIFACS os autores puderam observar a capacidade econômica da Feira de São Joaquim. Nela circula todo os dias grande quantidade de dinheiro o que movimenta a economia da cidade.

No entanto, a Feira de São Joaquim deixa a desejar no aspecto de higienização de sua área e na maneira de exposição e armazenagem de mercadorias. As carnes deveriam ser refrigeradas e transportadas com maior cuidado, pois esses produtos ficam expostos na frente das barracas sob o risco de contaminação por insetos ou qualquer outro meio. As frutas e verduras não deveriam ser cortadas nem mantidas expostas à sujeira, não deveriam circular animais onde estivessem alimentos e a feira deveria ser mais bem calçada e coberta, pois em épocas de chuva existe a formação de lama, o que dificulta a circulação de clientes e contamina os alimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LEMOS, Leandro de - Turismo: que negócio é esse?

História da Feira de São Joaquim: <http://www.caimam.de/grenfall/feira/feirapt.shtml> acessado em :10/07/2006

A Feira de São Joaquim, disponível em:

<http://www.correiodabahia.com.br/2005/05/01/noticias.asp?link=not000109647.xml>
Acessado em : 13/07/2006

A Feira de São Joaquim, disponível em:

http://www.creaba.org.br/Revista/Edicao_08/feira_são_joaquim.asp
Acessado em: 15/07/2006

A origem das feiras, disponível em: <http://www.eumed.net/cursecon/libreria/2004/lgs-mem/32.htm>
Acessado em : 08/09/2006

Feira livre, disponível em: <http://www.robertoagapio.fot.br/texto01.htm>
Acessado em: 08/09/2006

Pesquisa realizada pelos alunos do curso de turismo do 3º semestre da universidade Salvador-UNIFACS em Junho de 2006